

A Filosofia em si mesma e em seu caráter instrumental

Dra. Tatiana Boechat¹

Resumo

Este texto apresenta o tema da filosofia e seu ensino, procurando pensá-lo através da questão sobre a linguagem. Inicialmente, procuramos trazer à vista o modo como nos relacionamos com este conceito cotidianamente em sala de aula, tanto os professores quanto os estudantes de filosofia. Nossa indagação se põe no caminho de retomada do sentido do termo Filosofia, ressaltando o momento grego na sua origem e a necessidade de uma atualização conceitual de seu legado. Em seguida, procuramos pensar em um modo de ensinar filosofia que se volte para a relação que ela guarda com o homem através da ligação constitutiva que temos com a criação de conceitos. Para tanto, nos serviremos do pensamento de Martin Heidegger, especificamente da preleção de 1929, Introdução à Filosofia. Assim, a proposta deste trabalho é assinalar a conexão entre o estado de disposição à filosofia própria do homem com o que hoje ela se tornou, isto é, uma ferramenta utilizada para despertar no outro um caráter crítico e questionador.

Palavras chave: Heidegger; filosofia; linguagem; ensino, conceitos.

Abstract

This text presents the theme of philosophy and its teaching, trying to think it through the question about language. Initially, we try to bring to light how we relate to this concept everyday in the classroom, both teachers and students of philosophy. Our inquiry is set in the way of retaking the meaning of the term Philosophy, highlighting the Greek moment in its origin and the need for a conceptual update of its legacy. Next, we try to think of a way of teaching philosophy that turns to the relation that it holds with the man through the constitutive connection that we have with the creation of concepts. To do so, we will use the thinking of Martin Heidegger, specifically from the lecture of 1929,

¹ Mestrado (Fapesp) e doutorado (Capes) em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar-SP). Desde 2012 é professora assistente da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS-BA) do curso e pós-graduação (lato sensu) em Filosofia, atuando principalmente nos seguintes temas: ontologia da linguagem, teorias da significação, hermenêutica filosófica e ontologia. Email: tatiboecat@uefs.br

Introduction to Philosophy. Thus, the purpose of this article is to point out the connection between the state of disposition and man's own philosophy with what it has become today, that is, a tool used to awaken in the other a critical and questioning character.

Keywords: Heidegger; philosophy; language; teaching, concepts.

Uma interrogação que frequentemente nos acomete quando da nossa formação em filosofia é: “O que é a Filosofia, afinal?”. Essa pergunta fica ainda hoje a nossa espreita. No entanto, no modo como fazemos uso da filosofia atualmente aparece uma outra formulação da questão. A interrogação não se pretende perguntar mais pelo o que ela “é”, mas como ensinar isto, a filosofia – “Como ensinar filosofia”? Nosso dia a dia pede que sejamos cada vez mais efetivos no seu direcionamento. Mas a questão que propomos é: Como ensinar filosofia se não podemos definir este saber? É neste sentido, que o texto põe a filosofia como tema a ser problematizado, principalmente no que tange ao seu ensino e aprendizagem.

Talvez não devemos procurar por uma definição do termo “filosofia”, visto que não cabe mais esse tipo de questionamento quando nos deparamos com o pensamento de Heidegger. Ao fazer a pergunta pelo “o que é?” obtemos várias possibilidades de resposta, mas todas estas possibilidades são as que nos mantêm, por isso mesmo, sem conhecê-la, já que toda pergunta visa uma resposta acabada e direta. Essa multivocidade de respostas é encontrada na história da filosofia, como minuciosamente denunciou Heidegger. Mas quando perguntamos “o que é - isso...?”, precisamos nos colocar numa posição e tomar certa distância daquilo sobre quê perguntamos. É ao lançar um olhar para esse fenômeno do perguntar pela filosofia que podemos lançar outro olhar para o modo de ensiná-la nos dias de hoje. A filosofia não é algo passível de definição, antes, ela é um modo de ser, um comportamento *com* o mundo. Assim sendo, antes é preciso que saibamos como a filosofia ocorre, nos lançando numa investigação que adentre este modo de ser e não mais perguntando de fora, extemporâneo a ela. Apenas depois podemos legitimamente perguntar por um modo de ensiná-la sendo justos ao seu “porquê”. Assim, a pergunta pelo modo de dar-se da filosofia é uma pergunta ontológica por natureza.

Geralmente, o que procuramos ao nos aproximar da filosofia é adentrar no âmbito filosófico através das aulas de filosofia que temos na universidade, através dos livros de introdução à filosofia e seus clássicos, ao ouvir palestras sobre filosofia dentre outras maneiras. O que nos alerta para o fato de que então nos situamos desde já fora dela. O que



sabemos é que temos meramente uma ideia do que seja a filosofia, podemos dizer o quê precisamos para sermos filósofos ou para entender de assuntos filosóficos. O que parece é que estamos ligados a este âmbito apenas em aparência quando entendemos que há um conjunto de conhecimentos disponíveis, os quais nos orientam para saber o que é filosofia. Temos a literatura filosófica, os manuais de história de filosofia, e através deles conseguimos um meio de saber algo sobre o significado da filosofia e de nos informar sobre determinado filósofo ou sistema filosófico. Assim, a filosofia aparece de modo exposto, efetivo, já que podemos acessar algum conhecimento historiográfico e nos “introduzir” aos mais variados domínios próprios deste âmbito, por exemplo, à lógica, à teoria do conhecimento, à ética, à estética. Essa forma de se introduzir na filosofia pressupõe exatamente o movimento inverso, afastando-nos cada vez mais do seu modo próprio de ser, me deixando fora dela. A preocupação de Heidegger quando fala da Filosofia é lembrar-se da relação ontológica que guardamos com o aparecimento de algo assim como mundo, entes, sentido e ser. No entanto, em tempos onde impera a técnica, o modelo pré-estabelecido, o “padrão”, cremos que é exatamente assim que nos aproximamos da filosofia, com um modo determinado de aproximação, uma receita pronta. Talvez antes de considerar o auxílio que a academia fornece a esse encontro, já que pela academia temos acesso a uma certa idéia de filosofia, fosse preciso por em questão o próprio modo do aparecer da filosofia no homem. Vale pensar: será que precisamos buscar a filosofia em algum lugar ou em algum sistema? A filosofia em si mesma, por ela mesma, em seu surgimento? Será preciso uma introdução ao que seja a filosofia?

I

Como pensar o ensino de filosofia já que ensinamos isso - a filosofia; lidamos com ela diariamente em nossas profissões, além de procurarmos um modo adequado de transmiti-la fazendo jus a sua excelência. Segundo Heidegger, paira sobre nós a ilusão de que nos conduzimos para a filosofia através do que fornece a academia.

Sem dúvida, há um caráter instrumental da filosofia quando ela se deixa reger por regras e diretrizes de ensino (LDB) ou quando a filosofia é direcionada a certa função social e pedagógica (OCN's). Para Silvio Gallo, em “Ensino de filosofia: avaliação e materiais didáticos”, que ao falar na interdisciplinaridade da disciplina para ocupar o papel de criticidade e instrumento de formação social, a filosofia em seu papel instrumental teria que manter-se nesses afazeres em detrimento da filosofia nela mesma (GALLO, 2013, p.160). É preciso lembrar que esse modo instrumental de ver a filosofia, em tempos atuais, é próprio do modo como vivemos contemporaneamente. Acompanhar essa dinâmica histórico-temporal

não implica deixar de lado a perspectiva de sua dinâmica de acontecer, a temporalidade do termo. Se fugirmos desse questionamento, teremos sob pena lidar com algo desde o qual não conhecemos, não sabemos sua essencial pertinência a nós, aqueles que perguntam pelo “o que é?”. É preciso adentrar no caráter instrumental da filosofia de modo a entender porque ele também não nos faz coloca diante de sua origem em si mesma. Para além de a tomarmos em seu caráter utilitário, vale, ainda que de modo incipiente, procurar por sua base e nascimento. Considerando esta perspectiva, é justamente ao investigar seu caráter instrumental que podemos procurar uma aproximação ao seu modo ser modo e melhor entendê-la enquanto disciplina acadêmica nos dias atuais, no como de seu ensino e no seu modo próprio de ser. Desde aí, poderemos pensar o homem e seu comportar-se com o mais próprio do questionamento filosófico, o sentido do ser.

Em nossa época vale sim pensar em uma ação direta da filosofia, no entanto, sem nos deixar enganar pelo fato de que a academia é a mantenedora da possibilidade desse filosofar. Talvez o caráter instrumental não seja alheio à filosofia ela mesma, mas seja algo que pertence ao seu modo de acontecer. É claro que ela não traz em si o caráter de ter de desempenhar um papel específico em quem mantém contato com ela, isso seria por demais determinado, mas, ao que nos parece, é que ela tem sim o traço do despertar, do trazer à luz o pensar humano, como queria Platão. E só a partir daí, podemos pensar em um caráter instrumental derivado da filosofia ela mesma e não através de preceitos padronizados que justificam sua utilidade social. No entanto, não pretendemos retirar a importância que o caráter sócio-instrumental da filosofia tem em nossa época, principalmente na implantação do seu ensino secundarista e seu traço interdisciplinar e de formação da criticidade. Esse caráter exposto da criticidade da filosofia torna-se efetivamente possível quando os jovens alunos puderem adentrar no âmbito da filosofia, que se sintam *na* e *para* a filosofia, ou melhor, despertar o traço filosofante que os constituem em seu caráter de humano, de humanidade. Passemos a esse pertencimento da essência do homem à filosofia.

II

À medida que temos certa compreensão sobre sua essência posso ensiná-la, com maior apropriação do termo “ensinar”. Numa investigação do conceito de “filosofia”, devemos percorrê-la olhando para trás, para o legado grego, perguntando como devemos percorrer esse legado aqui e agora ao fazer uso dele. Nesse meio caminho andado de uso do termo, do clássico ao contemporâneo, um caminho por deveras jovem, é desde onde tentamos ensiná-la. Esse caminho ambíguo da filosofia é o caminho no qual nos encontramos e no qual nos movemos desajeitadamente. Dessa forma, é preciso ter em mente que o conceito de

filosofia deve manter-se sempre como um caminho aberto de procura para nós. A ideia de filosofia que surge lá com os gregos continua vigente apesar de não partilharmos da mesma época, da mesma visão de mundo e de cultura, entre outras impressões desse povo. As épocas são diferentes, no entanto, se pode dizer que algo foi e continua se mantendo ainda agora ao fazermos uso do termo filosofia. Assim, aonde começar a procurar por este termo senão retomando o acesso à palavra, em sua gênese, com os gregos?

Ao considerar o pensamento inaugural grego chamado *philosophía* a questão que nos chega é: como a filosofia ocorre em mim? Heidegger entende que somos seres filosofantes por natureza. Carregamos constitutivamente o traço do entendimento de que “há sentido”, que há um discurso em tudo o que vejo. A nós nos atravessam os assuntos ditos naturais, por mais indiferente que alguém possa parecer a estes assuntos. Céu, terra, homem, morte, vida, deuses... Afirma o filósofo em “O que é isto – a filosofia?”: “Somente aprendemos a conhecer e a saber quando experimentamos de que modo ela é” (HEIDEGGER, 1979, p.23). É preciso experimentar essa afecção, esse modo de ser em minha humanidade, um modo que me constitui enquanto sou isto que sou. Ao experimentar algo assim como “filosofia”, a pergunta pelo “o que é” a filosofia passa a ser posterior e secundária.

Ao buscar nos gregos uma aproximação ao conceito de filosofia, nos deparamos com outra palavra: *thaumázein*, traduzida por espanto, estranhamento. Filosofar surge como um impulso, um estímulo que impera no homem, uma *arkhé*, um interesse que o dirige. Esta disposição do espanto é o traço fundamental do ser do homem. Contudo, não no sentido de ser causa do filosofar, assim como uma bola provoca o movimento de outra bola. O espanto não produz filosofia como se houvesse um estímulo exterior ao homem e que nesse momento se iniciasse o filosofar. Ele é a correspondência ao ser do ente que desde sempre me pertence como traço do meu modo próprio de ser. E qual é o modo de ser do espanto? É um modo no qual encontramos-nos harmoniosamente dispostos com o ente, de tal forma que somos convocados a tomá-lo num modo de retrocesso frente a ele, pois o temos diante de nós como um ente que é, assim como é e que não pode ser de outra maneira. Dito de modo mais sucinto, o espanto surge do fato de que o ente é assim como é, ele está inteiro, harmonioso em si e do modo como precisa ser. Isso que me aparece tem o traço de ser exatamente isto que é, e não outra coisa. O apelo é para que vejamos algo desde seu modo de ser isso que é e não por tomar alguma coisa desde um grupo de propriedades advindas, ou da própria coisa como algo dado, ou de ideias pré-estabelecidas. Nessa disposição estamos despidos de determinações sobre a coisa e a vemos tal qual se põe, carregando o traço da diferença própria ao seu ser, de ser isso e não aquilo, o traço de seu ser possível. Poder “escutar” o ser

de cada ente interrogado significa corresponder à totalidade dos entes. Quando, por exemplo, me pergunto pela linguagem, quando a tenho como tema do ensino em filosofia, preciso expor ao aluno o estranhamento deste tema em contraposição ao consenso sobre o que se pensa sobre “linguagem”. Pois quando descemos até o fundo da palavra, haverá um porquê para o tema da linguagem ou outro qualquer provocar estranhamento em nós, contra, justamente, o pensamento habitual e arraigado sobre determinada questão. Há uma necessidade de desconstruir o conceito. Devo atingi-la em seu ser, provocando assim o espanto no outro. Pois a sua completude nos causa certo estranhamento ao questioná-la. Contudo, é esse estranhamento frente ao ente que nos possibilita ser isso que somos, seres filosofantes.

Nesse sentido, vemos que a filosofia em si mesma, não é isenta de outrem, o homem. O homem é *conditio sine qua non* para que ela seja isto que é. O espanto nos diz que nenhum fato se dá sem que um sentido sempre já não tenha sido introduzido. Esse termo “sempre já” remete justamente ao caráter de prévio e de antecipação do sentido instaurador de algo. O que foi reconhecido aí com o espanto é o *lógos*, o *mundo* já irrompido. É ele que torna possível o que aparece assim como é. A lua como satélite, a lua da Criação, como a lua dos poetas, a lua dos astrólogos, a dos navegantes e dos rituais. Ser atravessado por uma destas perspectivas é o que expressa o próprio fenômeno da vida. Cito Fogel:

E tal modo de ser é o próprio homem e só do homem, o qual originariamente é [...] tão só a possibilidade de ser tocado, tomado ou afetado por uma perspectiva, por um interesse, quer dizer, por uma possibilidade ou um sentido (logos, mundo) possível. E isso quer ainda dizer: o homem e só o homem é possibilidade de ser tomado (tocado, afetado) por possibilidade (FOGEL, 2014. p.126)

Nesse sentido, uma forma de ensino de filosofia deve ser provocativa, percebendo e desconstruindo os conceitos na história da filosofia, conceitos que recolocam os conteúdos em seu modo de ser em si mesmos, pois perceber o modo de ser de algo tal qual é, já me propõe o estranhamento, e este precisa ser preservado e estimulado no aluno. Esta é também uma proposta provocativa para uma didática de ensino na medida em que se tem a proposta de despertar o aluno para o ser do ente, para algo que não temos à vista e que precisamos nós mesmos, professores, descobrir como atingir. Silvio Gallo propõe “fazer das aulas de filosofia laboratórios de experiências de pensamento”, chamados por ele de “oficinas de conceitos” (GALLO, 2013, p.163) Tratar do conceito e do que nele não se vê, mas se encontra aí. Esse é o modo mais propício de estranhamento numa tentativa de despertar, de sair do sono do espaço público que já tem uma significação verbal consolidada sobre todo e

qualquer tema e nos voltar para este estado disposto que nós mesmos somos e compreendemos. É preciso manifestar na linguagem, ou seja, através do conceito, esse apelo do ser do ente, isto é, manifestar este apelo em uma forma privilegiada de dizer, através do conceito filosófico. Segundo Heidegger, “sem uma suficiente reflexão sobre a linguagem, jamais sabemos verdadeiramente o que é a filosofia como [...] uma privilegiada maneira de dizer” (HEIDEGGER, 1979, p.23).

O conceito, portanto, aparecerá a contrapelo da significação ordinária. Ele será entendido em meio à compreensão de seus contextos de ligação, isto é, do nosso aqui e agora, sem deixar de fazermos uso de uma visão panorâmica e historiográfica da filosofia a partir dos movimentos de raciocínio expostos pelos pensadores sobre um determinado tema. Tudo isso parece favorável à superação da indeterminação inicial do termo e a levá-lo a cabo no nosso filosofar cotidiano. Nesse sentido, o filosofar deixaria de ser um processo ditado por regras e legislações padronizadas e se tornaria um “agir levado a termo em meio à liberdade”, um agir que nós mesmos precisamos despertar em nós (HEIDEGGER, 2009, p.5). Liberdade aqui se relaciona mais com a possibilidade de acesso à filosofia como um modo de comportar-se do homem. A questão que colocamos agora é: Como “pôr o filosofar em curso”? Visto que, o termo “introdução” ou “introduzir à” precisa adquirir outro caráter, pois, como foi exposto, a filosofia pertence ao modo mais próprio do homem de estar no mundo. A necessidade dessa abordagem se justifica na medida em que ela não mais acontece em nós como poderia e deveria, nos diz Heidegger. O que precisamos é saber como “deixar” o filosofar acontecer em nós. Não há uma técnica ou truque qualquer, alerta-nos o filósofo. O que precisamos é que a filosofia se torne livre em nós. Ela precisa tornar-se uma “necessidade interna de nossa essência de modo a dar a essa essência sua dignidade mais peculiar” (HEIDEGGER, 2009, p.5). E isso será despertado por nós, em nossa liberdade.

Para isso, nos falta uma pré-compreensão da filosofia que pede nossa ida até a história da filosofia (lembrando que não podemos conformar a filosofia a uma recusa completa da tradição histórica). No entanto, adquirir este conhecimento de como os filósofos filosofaram não introduz o filosofar em nós, mostra-se apenas útil. “Sua utilidade não se reverte para o filosofar”. Se o pensar pertence ao ser-aí humano então buscaremos a pré-compreensão do filosofar na forma como já está traçada na própria essência do filosofar; na história deste ser-aí humano é preciso perceber seu acontecer. É aí que o caráter instrumental da filosofia em nossa época precisa ser devidamente posto à investigação. Não tanto como crítica, mas como um modo da filosofia acontecer em tempos atuais. Nesse sentido, teremos possibilidade de ver como o filosofar foi levado a acontecer. Se pretendemos pôr o filosofar em curso em

nossa liberdade, isso significa que, o filosofar deve ser levado a acontecer a partir do meu ser-aí aqui e agora – não num sentido universal, cada ser-aí existe como ele mesmo; “nesse instante e nas perspectivas que este instante, em que nos preparamos para tratar da filosofia, se apresenta” (HEIDEGGER, 2009, §2).

Não interessa-nos neste texto encaminhar-nos para uma reconstrução dos problemas da história do pensamento filosófico, mas introduzir os leitores ao que “significa aqui um convite à participação na vida da filosofia” (CASANOVA, *Introdução à Filosofia*, p. xxi). Do mesmo modo que pretendemos direcionar o aluno para essa participação no ser de tudo o que é. Afinal, como afirma Heidegger: “Ser homem já significa filosofar” (HEIDEGGER, 2009, §2).

Dito isso, podemos concluir dizendo que não precisamos olhar para o caráter instrumental da filosofia de modo negativo, nem enxergar a filosofia em si mesma como algo inacessível e distante de nós. Colocar em curso o filosofar, despertar a filosofia em nós ou penetrar no ser-aí (*Dasein*) que nós mesmos somos significa descobrir que o ser-aí na sua mais profunda interioridade não é cêntrico, mas excêntrico. O filosofar é o modo que nos constitui e nos coloca frente à relação com os outros entes, gerando assim a compreensão da possibilidade de seus sentidos, a compreensão de ser própria do homem, da sua ação. Não vamos com isso, com este despertar, aprender filosofia nem ter mais uma disciplina no currículo, isto porque filosofia não é uma disciplina, um curso, nem é algo que exija técnica ou habilidade, “filosofia é filosofar e nada além disso” (HEIDEGGER, 2009, §4).

Referências Bibliográficas

HEIDEGGER, M. *Introdução à Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CASANOVA, M. Apresentação In: *Introdução à Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

FOGEL, G. *Que é Filosofia? Filosofia como exercício de finitude*. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2009.

FOGEL, G. Homem, realidade, interpretação In: *O que nos faz pensar*. Rio de Janeiro, n° 35, p. 121 – 148, dezembro 2014.

GALLO, S. Ensino de filosofia: avaliação e materiais didáticos. In: *Filosofia e formação*. Cuiabá-MT, v.1, 2003, p. 159 – 170. Org. CARVALHO, M.; CORNELLI, G. Cuiabá-MT: Central de Textos, 2013.